

OS DESUMANOS

Eu tinha apenas três semanas, quando tudo aconteceu.

O domingo estava lindo, porque no inverno costumamos valorizar muito mais o céu azul e o sol pleno e era justamente isso que eu estava curtindo, deitado como um lagarto, na pequena laje que se sobressai na torre principal da construção, compondo a *bay window* da janela do escritório.

Olhava preguiçosamente para a rua, quando o lindo caminhão vermelho e prateado estacionou.

Fiquei deslumbrado, porque, desde que nascera, o que conhecia de maior e mais imponente, em termos de veículo automotivo, era o caminhão de lixo, que eu observava chegar três vezes por semana, anunciando que minha mãe não poderia mais selecionar o melhor que havia ali para nós três nos deliciarmos.

Ah, sim, somos três e eu fui o último a vir à luz numa manhã fria de maio de 2010.

A primeira semana foi muito boa. Estávamos sempre nós três junto ao quentinho dela, mamando, mamando. Depois, aos poucos, ela nos conduzia à nova etapa que teríamos que conquistar - a da autonomia. Foram uns dias gostosos, porque ela sempre nos trazia uma espinha de peixe, um restinho do bacon frito, que meu faro já havia detectado nos olores que vinham da cozinha no horário do almoço.

Voltei a mim, olhando para aquela imensa máquina e, num primeiro momento, pensei que era um tipo de caminhão de lixo novo, mas logo vi que alguma coisa diferente ia acontecer, porque eles sonaram uma espécie de buzina alta e logo o casal que nos hospeda saiu pela porta da frente para ver o que era.

Olhei de soslaio e logo percebi a cara de aborrecimento deles. Era pouco mais de 15 h e eles mal tinham se acomodado para a soneca, depois do bacalhau e do vinho do almoço, e previam que teriam que enfrentar uma situação estranha.

Ao abrirem o portão, logo se apresentaram os dois bombeiros, fortões, com umas botas bem engraxadas e uma cara de quem, também, tinham almoçado muito e preferiam a soneca, ainda que durante o plantão, do que estarem ali.

Levantei-me rapidamente e me coloquei a postos, como minha mãe me ensinara que devia ficar sempre que o perigo estivesse à espreita. Essa foi uma lição

que ela nos deu logo nos primeiros dias, assim que começamos a ficar com os olhos mais abertos e menos dependentes do quentinho das tetas dela.

Os bombeiros ficaram atônitos quando Seu Eliseu (esse é o nome do dono da nossa casa) informou que não havia sido dali que partira o telefonema, pedindo apoio dos bombeiros para retirar do telhado um gato que estava em perigo.

Aumentou meu medo, ao perceber que aquele caminhão estava ali por minha causa. No entanto, eu estava confiante, porque esse casal que nos hospeda foi muito bem escolhido por minha mãe. Eles não se metiam na nossa vida. Nada de nos tratarem como gente. Tinham todo respeito por nossa condição de inumanos.

Isso não queria dizer indiferença, porque na madrugada anterior, quando eu tentara um salto da parte mais alta do telhado e caíra no jardim de inverno dentro de um vaso alto e estreito, Seu Eliseu acordou um pouco mal humorado, mas desligou o alarme e foi me resgatar daquela situação difícil. Como ainda sou pequenininho, não soube nem agradecer e saí correndo com medo dele. Bobagem. Eles não parecem ser do tipo que acham que os animais devem viver para eles.

A conversa no portão continua e agora já havia mais gente em volta do acontecimento. Na varanda da casa da frente já estava a postos a Dona Zoila. Ela é a mãe da dona da minha casa, a Carminha, que detesta que lhe chamem de senhora, por isso eu logo peguei intimidade e lhe chamo assim pelo apelido.

A Helena, que mora em frente resolveu atravessar a rua, com seu neto no colo. Ele queria ver o lindo caminhão vermelho e, assim, ela tinha um bom motivo para acompanhar a conversa mais de perto. Logo se aproximou o casal, que morava na rua ao lado, e lá da janela do quarto deles ficam me olhando curiosos, várias vezes ao dia.

A senhora apresentou-se como a pessoa que havia feito o telefonema aos bombeiros. O marido dela fazia-se um pouco de desentendido e, para não se envolver muito com o que rolava no portão, ficou entre as hastes do pergolado do muro puxando conversa comigo: “Oi, bichano, vamos descer daí, vamos?”

Que papo era esse? O tema da discussão no portão era se os bombeiros deveriam ou não me tirar da laje. Eles informavam calmamente que não poderiam entrar sem a autorização dos donos da casa e que não queriam mesmo vir, já que isso não era trabalho de bombeiro, mas a denunciante insistira. Argumentavam com Seu Eliseu que isso era muito diferente do que acontecera na semana passada, quando ele mesmo havia ido ao encalço de uma jaguatirica que, com fome, aparecera onde não deveria estar. Isso sim era missão que valia a pena.

A tal vizinha responsável pelo telefonema, quase uma denúncia como vim saber depois, argumentava fortemente, dizia que eu miava sem parar, que estava

sofrendo, que o coração dela ficava partido de ver os animas sofrerem etc etc etc. Parecia uma matraca.

Logo vi que ela não entende de gato. Quando um filhote, como eu, mia, está apenas avisando a mãe que está com saudades dela. Por isso, o miado é meio choroso.

Seu Eliseu apresentava a versão dele e explicou tudo direitinho: que minha mãe escolhera o telhado dele para dar a luz a nós, por causa das temperaturas baixas da semana anterior. Era verdade: o quentinho das telhas era muito gostoso durante o dia e as reentrâncias do rufo e da chaminé da churrasqueira providenciais durante a noite. Ele também contou que meus irmãos já ganharam o mundo da rua e vinham para casa somente para procurar o lixo e se equilibrar, andando pelo muro alto. Eu era o único que ainda ficava no telhado.

Tinha uma estrutura mais mirradinha que meus irmãos, mas meu pelo era o mais bonito. Não estava com pressa de ganhar a rua, porque aquela casa bonita, com bastante jardim e muitos cantinhos era bem melhor do que sair por aí, me esquivando dos carros, sendo apenas um entre os muitos gatos da rua.

A Carminha não falava nada, porque aprendera com o tempo, que certas categorias profissionais, entre as quais ela incluía agora os bombeiros, estando o marido presente, preferem conversar de homem para homem. A cara dela já estava fechada, insinuando à vizinha inoportuna que ela deveria calar a boca.

Conversa vai, conversa vem, o bombeiro, finalmente, com o portão agora todo aberto, me avista em cima da laje e logo me humilha: “Nossa, mas é um gatinho pequenininho mesmo. Ele é bonitinho, mas não representa perigo nenhum”.

Ele não deve saber que, mesmo pequenos, os gatos sabem arranhar...

Vendo que ele me achava bonitinho, a tal vizinha logo sugeriu que o bombeiro me salvasse e me levasse para casa. Como assim? Ela nem me pergunta se eu quero? Eu não sou órfão, não. Tenho mãe, tenho irmãos e uma ótima casa que me hospeda.

Como um dos bombeiros era muito bom de conversa e logo levou Seu Eliseu a antever que a mulher não sossegaria fácil, decidiram por pegar a escada e me “salvar” daquela situação.

Era uma escada gigantesca, que entrava com dificuldade pelo portão social. O neto da Helena estava maravilhado com os equipamentos presos no cinturão do bombeiro. Eles subiram a rampa e logo ajeitaram a escada, encostando-a no beiral da laje onde eu estava.

Quando ele subiu na escada e começou a me chamar, me apavorei com medo que ele quisesse, de repente, me levar para casa e dei um salto espetacular, caindo no jardim e correndo rápido para o cantinho a 10 metros dali, antes que eles saíssem atrás de mim.

Fiquei a postos à espera de um contra ataque, mas eles já estavam todos rindo (exceto a vizinha da denúncia) do ridículo da situação: os bombeiros sendo chamados para me salvar e eu demonstrava que já era muito bom de pulo e subia e descia do telhado, quando bem queria.

Resolveram ir embora, pedindo desculpas para o Seu Eliseu, quando a Helena perguntou se seu neto podia entrar no caminhão para ver os painéis prateados. Claro que sim, disseram eles. Entra aqui e vamos até a esquina, para dar uma voltinha.

Fiquei morrendo de inveja, porque também gostaria de me empoleirar em cima daquela máquina linda e andar pela rua, sem correr perigo de ser atropelado, mas a mulher, que tinha pena de mim, poderia me alçar e me levar para a casa dela, para me tratar como um gatinho bobo, falando mole comigo, como os humanos falam com as criancinhas, me colocando para dormir numa cestinha de florzinha e, mais alguns meses, me levando no veterinário para ser capado.

Deus me livre, eu não me arriscaria a ir até a calçada, agora, para poder pular no caminhão, de jeito nenhum, porque aquela jararaca podia me pegar. Fiquei me perguntando por que ela não cuida dos filhos dela e observa bem a cara de desanimado que tem o marido, tendo que passar por essa situação ridícula à qual ela lhe obrigara.

Os humanos são assim: ficam colocando energia onde não é preciso, ao invés de deixarem os gatos viverem a vida deles.

O caminhão virou a esquina. O casal saiu meio sem graça e a Helena ficou mais um pouquinho, para ter como contar o que acontecera. A outra lhe telefonara na tarde de sábado, dizendo que iria denunciar Seu Eliseu e a Carminha junto à Sociedade Protetora dos Animais e queria a adesão de outros vizinhos à sua denúncia. Ela ficara indignada. Houve troca de impropérios pelo telefone. Ela foi chamada de covarde e respondeu com um bom palavrão (ela não contou qual foi, mas bem que a Carminha ficou curiosa).

Dona Zoila observava tudo, lá da sua varanda, e se convencia que a tal vizinha de cima, como ela se referia à mulher, cujo muro lateral era lindeiro aos fundos de sua casa, era mesmo muito encrenqueira.

O sol estava quente e todos se recolheram para a soneca que havia sido abortada. Eu fiquei ali no jardim, ainda me lembrando do perigo que havia corrido e pensei que entre os humanos, havia muitos desumanos...

Eu só queria ser, de fato e apenas, um gato!

Carminha Beltrão
Presidente Prudente, junho de 2010.